
Consuelo Tereza Fernandez Gonçalves, é pedagoga, com mestrado em Tecnologia da Educação (INPE), foi professora de disciplina de Educação a Distância, atuou no CENAFOR em projetos de capacitação, foi professora de 2º. grau nas cidades de Petrópolis e Teresópolis. Atualmente participa da equipe de educação a distância do SENAI-SP, planejando e produzindo materiais impressos, bem como projetando e implementando esquemas operacionais em educação a distância.

APRESENTAÇÃO

As palavras do presidente Fernando Henrique funcionaram como uma varinha mágica...

O Ensino a distância está na "crista da onda". Os "surfistas intelectuais" estão alvoroçados...

_ É o caminho para a salvação da educação no Brasil... dizem uns.

_ Por meio do ensino a distância, finalmente, será possível oferecer uma educação de qualidade para todos... dizem outros.

_ É a democratização do ensino, afinal... ouve-se também.

Ensino a distância... tão execrado... tão humilhado por tanto tempo... será que conseguirá superar toda a adulação de que está sendo alvo? Será que sobreviverá a tanto assédio? Será que terá condições de satisfazer a tantas esperanças? Será que obterá a tão sonhada credibilidade depois de tanta manipulação, de tanta exploração?

Quem sabe? Como diz o filósofo: "... só o tempo dirá".

Mas, o que é o ensino a distância? Que magia, que mistérios ele nos reserva?

Poderíamos gastar folhas e folhas de papel tentando responder a essas perguntas.

No entanto, parece importante, nessa hora de tanta expectativa, que se procure, com toda a objetividade possível, por em discussão alguns de seus aspectos fundamentais. Não sendo apenas pelo exercício de reflexão, que seja, também, pela facilitação e adequação da prática.

É nesse sentido que nos propomos a explorar algumas idéias sobre essa questão.

Para começar, uma dúvida:

1. Ensino a distância, educação a distância, aprendizagem a distância?

Seja qual for o nome que assuma, o que caracteriza essa estratégia (ou modalidade, como alguns preferem) educacional é, em última análise, a separação entre professor e aluno. O contrato entre esses dois personagens é mediado. Isto quer dizer que acontece por meio de outros recursos que não a exposição oral de um docente. Neste sentido, pode-se dizer que, no ensino a distância, a atividade de ensino se realiza em um momento anterior à de aprendizagem (em termos mais precisos, ao esforço inicial de aprendizagem, pois entendemos que aprendizagem é um processo interno, que não se restringe ao momento de contato de um aluno com o seu professor.).

Com estas palavras não queremos negar que reconhecemos a diferença de enfoque na ação educacional quando nos referimos ao ensino a distância e à educação a distância. É óbvio, para os educadores, que quando o termo ensino vem adiante do termo "a distância", o que está em questão é apenas um aspecto, um ângulo do processo educacional: o ato de transmitir informação, de oferecer oportunidades para que o conhecimento seja construído, de organizar as condições de aprendizagem e assim por diante.

Da mesma forma, isso se repete quando é a aprendizagem que é qualificada pelo termo "a distância". Nesse caso, o foco está no esforço de adquirir a informação, de construir o conhecimento, de usufruir das condições oferecidas.

Se alguém, uma instituição por exemplo, se propõe a desenvolver educação a distância, isto significa que esse alguém está preocupado com algo além da transmissão de informações ou do desenvolvimento de habilidades motoras e intelectuais. Seu compromisso é mais amplo: é com o desenvolvimento da cidadania... é com a igualdade de oportunidades de acesso ao saber acumulado pelo homem ao longo de sua história. Para ela, educar engloba o ensinar... não o elimina, como muitos acreditam.

Enfim, inserido em um âmbito de educação formal (aquela que acontece na escola e é sistematizada segundo normas oficiais dos órgãos de legislação educacional do país) ou informal (não sujeita a tal normalização), o ensino a distância assume, em sua operacionalização, as mais diferentes formas, que se distribuem ao longo de um continuum que vai desde a mais simples, caracterizada pelo "ensino por correspondência sem apoio de tutoria" (comunicação de "mão única", ou seja, educador-educando), até os mais sofisticados arranjos que incluem esquemas interativos de comunicação não-presencial através de satélite ou de redes informatizadas.

Estas colocações nos remetem para outra das muitas questões que envolvem o ensino a distância.

2. Ensino a distância com papel, sem papel... como?

Algumas das críticas que se fazem ao ensino a distância residem numa percepção restrita de suas possibilidades operacionais. Muitas delas se manifestam na forma de perguntas inúmeras vezes ouvidas, principalmente no âmbito da formação profissional: como ensinar a distância a alguém que mal sabe ler? Como fazer formação profissional a distância... sem prática?

A preocupação com aqueles que "mal sabem ler" evidencia uma concepção de ensino a distância construída a partir do ponto de vista do meio instrucional utilizado para sua realização: a palavra escrita, o material impresso. Por acaso, o uso do rádio, do vídeo, da fita cassete descaracterizam o que se chama ensino a distância? Por acaso as reuniões de estudo, os encontros periódicos, o contato direto com tutores, a prática supervisionada invalidam o uso do termo para situações em que tais atividades estejam incluídas? Por outro lado, a preocupação com as atividades práticas explicita uma percepção de ensino a distância construída a partir de um modo de realizar a ação educacional; um modo que exclui do ensino a distância qualquer forma de presencialidade no processo.

O termo "a distância", que indica a separação física do professor e do aluno, não exclui o contato direto dos alunos entre si ou do aluno com alguém que possa apoiá-lo no processo de aprendizagem. A esse tipo de contato direto os teóricos do ensino a distância chamam de presencialidade.

Haver ou não momentos de presencialidade no processo de aprendizagem, é uma questão de estratégia, de plano de ação, de tomada de decisão. Não se trata, pois, de algo que tenha a ver com os fundamentos do processo: o fato de se prever momentos presenciais depende das condições dadas para a concretização do ensino a distância.

Há que se ressaltar que, quando incluída no ensino a distância, a presencialidade, tem sua função revista, bem como a frequência, os objetivos e a forma das situações presenciais de contato dos alunos entre si e dos alunos com aqueles que os apoiam ao longo do processo de aprendizagem. Há esquemas operacionais de ensino a distância em que os educadores se encontram diariamente, não em termos obrigatórios, com um tutor ou orientador de aprendizagem, seja para assistir algum programa em vídeo, para receber algum tipo de material, para resolver um problema, etc.; há outras em que os educadores se reúnem periodicamente para debater assuntos que estejam estudando - reuniões estas que podem ou não contar com a presença de um tutor.

Há, ainda, muitas situações em que o único momento presencial é o de avaliação final, e há, aquelas em que o momento presencial nunca acontece - nelas todo o processo é mediado.

A mediação, por sua vez, acontece de muitos modos e por meio dos mais variados recursos. O material impresso é ainda o recurso pedagógico mais utilizado, em nosso país, para a concretização do ensino a

distância. É o recurso material cuja linguagem é dominada pela quase totalidade dos que desenvolvem esta estratégia de ensino; talvez aí residam os motivos de sua maior utilização quando comparado a outros recursos disponíveis. A linguagem dos outros meios - como a dos programas de rádio, de televisão, de vídeo, de computador, etc, - é de domínio de um número bem menor de profissionais: poucos, dentre os que dominam a linguagem desses meios, são capazes de desenvolver programas educacionais de qualidade.

Assim, a realização adequada e responsável de ações de ensino a distância que incluam tais meios fica na dependência de profissionais competentes que dominem sua linguagem. Isso, sem dúvida, restringe seu uso nesta estratégia de ensino.

Pelos comentários feitos, é possível deduzir que o ensino a distância tem vários modos de acontecer. Mas, seja qual for o modo adotado, as pesquisas na área indicam que aqueles que incluem comunicação de dupla via (educador - educando) têm resultados iguais ou superiores aos apresentados pelo ensino presencial. As formas pelas quais a comunicação de "mão dupla" se dá podem ser as mais variadas: a troca de correspondência nas situações mais modestas; o contado face a face, o uso de telefones e do fax e outros, em situações menos carentes; e, via computador, por meio das chamadas "infovias", nas situações mais privilegiadas. O que importa, no entanto, é que modesta ou sofisticada, a comunicação que se dá na direção educador-educando, se complete com o retorno na direção educando-educador, transformando essa comunicação em - como disse o poeta Vinícius de Moraes referindo-se a outra situação - infinita enquanto durar...

Ensino a distância... ensino a distância... e aquela pergunta tantas vezes feita, tantas vezes discutida... para onde ela nos leva?

3. Ensino a distância ou ensino presencial, o que é melhor?

Este tema foi, durante longo período, foco de inúmeros debates em congressos internacionais sobre educação a distância. Ele traduzia a oposição que, então, se estabelecia entre uma e outra estratégia de ensino. Hoje, em nível teórico, é uma questão já superada... No entanto, em instituições de tradição presencial, a comparação entre estas duas estratégias de ensino é, ainda, uma constante, principalmente quando se trata de alocar recursos para desenvolvimento de projetos. Destacamos as instituições tradicionalmente presenciais porque, para aquelas que se dedicam exclusivamente ao ensino a distância, essa questão não mais se configura como um problema.

Se o esforço de comparar uma e outra estratégia permanece, isto significa que, se foi superado do ponto de vista teórico pelos especialistas no assunto, não o foi do ponto de vista da prática daqueles que têm que tomar decisões sobre implementar projetos de uma ou de outra natureza.

Desenvolver projetos de ensino a distância ou de ensino presencial... eis a questão, parafraseando Shakespeare.

Com isso, introduzimos outro foco de discussão: a coexistência institucional de ações de ensino presencial e de ensino a distância.

Lidar simultaneamente com o ensino presencial e com o ensino a distância envolve problemas de diferentes naturezas. Dependendo da forma como são percebidas na instituição e do modo como tais estratégias de ensino nela se inserem, tais problemas se apresentam em maior ou menor escala.

Nas inúmeras instituições nacionais ou estrangeiras que desenvolvem suas ações por meio dessas estratégias, observam-se diferentes formas de inserção do ensino a distância em suas estruturas organizacionais: uma, em nível de igual importância entre ambas. Nestas instituições "o presencial" e o "a distância" têm suas especificidades reconhecidas e respeitadas, são igualmente prioritários, recebem equivalentes alocações de recursos e não têm qualquer privilégio por serem o que são.

Nelas, o ensino a distância não tem mais que alardear suas qualidades, legitimar o seu valor ou demonstrar que não veio para destruir o presencial.

Outra forma de inserção, muito comum em nosso país, se caracteriza pela secundarização do "a distância" diante do "presencial". Nas estruturas organizacionais das instituições que assim lidam com tais estratégias,

o "a distância" encontra-se nos patamares hierárquicos mais inferiores, subordinando-se a vários níveis decisórios. A priorização do ensino presencial em qualquer decisão que se tome quanto à aprovação de projetos, à alocação de recursos, a investimentos é uma característica marcante, facilmente perceptível. Se dependente de uma longa cadeia de tomada de decisões, o esforço do ensino a distância para ser bem sucedido será diretamente proporcional ao número de níveis aos quais está subordinado: não tendo autonomia, tem na morosidade da tomada de decisões e na dispersão de responsabilidade seus inimigos mortais.

Assim, o fato de estar em igualdade de condições ou em situação de flagrante inferioridade, representa para o ensino a distância um catalisador para seu desenvolvimento: em situação de não-discriminação a certeza de sucesso é quase absoluta; em situação de discriminação, o insucesso é uma armadilha da qual se procura incessantemente escapar.

Cabe em tais instituições a realização de esforços que resultem na percepção do ensino presencial e do ensino a distância como partes integrantes do mesmo projeto educacional, e não partes isoladas que competem entre si "por um lugar ao sol". O que importa é que ambas as estratégias possam contribuir para ampliar, em qualidade e em quantidade, as oportunidades educacionais que a instituição coloca à disposição da sociedade.

Esse esforço reveste-se da necessidade de um gerenciamento único das ações presenciais e "a distância" e, além disso, do envolvimento de todos os agentes educacionais da instituição, sejam estes administradores, docentes ou técnicos que apoiam pedagógica ou administrativamente o processo educacional. Esse envolvimento exige, também, o esforço em aprender a lidar com um novo paradigma: no ensino a distância, não há espaço para aulas - o espaço é da tutoria; nesta estratégia de ensino, os materiais "levam" o conteúdo ao aluno, não o professor; enfim, no "a distância", o aluno tem que movimentar-se para construir a própria aprendizagem - não pode mais supor que a aprendizagem só acontece a partir de uma aula dada.

Este é, sem dúvida, um novo quadro de referência para uma instituição que se propõe a atribuir igual valor às duas estratégias de ensino. Liderar com novos paradigmas não é tarefa fácil, envolve reformulação de pontos de vista, eliminação de preconceitos, desenvolvimento de novas atitudes. Estas tarefas que não são fáceis de cumprir, tornam-se necessárias à instalação de uma nova ordem institucional.

A necessidade de mudança de paradigma, nos remete para a questão dos papéis que os educadores assumem no ensino a distância. Nessa questão, aparece sempre quem faça uma crítica velada... ou, quem sabe, infundada...

4. Tutor... o que é isto? Se tem professor, é ensino presencial

Estamos entrando, agora, no terreno dos rótulos... O problema com os rótulos é que eles tendem a limitar o potencial de desenvolvimento das pessoas ou das coisas.

Na medida em que dizemos "é ensino presencial, não é ensino a distância" ou vice-versa, estamos eliminando qualquer possibilidade de evolução de um e de outro. Isto se aplica também ao caso da tutoria. Esta difere da docência? É óbvio que sim, caso contrário não teria esse nome... Mas, daí a imaginar que, de certa forma, ela seja incluída em um processo de ensino para mascarar alguma intenção escondida... convenhamos, é ir longe demais.

A tutoria é, de fato, um componente típico de ações de ensino a distância em que a comunicação se dá nos dois sentidos. Reconhecer este fato não significa, no entanto, admitir a existência de uma concepção universal de tutoria, ou seja, que se aplique a qualquer situação. Assim como o próprio ensino a distância, a tutoria assume diferentes formas dependendo da situação em que deve inserir-se, dos objetivos que pretende cumprir, do público que se beneficiará dela e das condições dadas para sua concretização: ela pode ser presencial ou "a distância"; pode ser oferecida diariamente ou em dias alternados, durante todo o dia ou em períodos pré-fixados, por exemplo.

Para compreender melhor o que vem a ser esse serviço colocado à disposição dos alunos em alguns esquemas operacionais do ensino a distância, é aconselhável examinar alguns de seus aspectos.

Como princípio de análise concebemos a tutoria presencial como sendo uma das possibilidades de concretização de "dupla via", da mesma forma que o são a tutoria por telefone, por fax, por correspondência... A tutoria presencial, no entanto, nem sempre é percebida ou desenvolvida segundo o papel que lhe cabe no processo de ensino-aprendizagem. Provavelmente, isso se deve à forte influência exercida pela vivência do ensino presencial, que a imensa maioria das pessoas tem.

Por meio do ensino presencial, fomos levados a acreditar que só podíamos aprender se um documento se dispusesse a nos dar aulas, ou seja, se alguém nos explicasse e desenvolvesse, em sala de aula ou mesmo fora dela, os conteúdos a serem aprendidos. Como alunos, esperávamos que um docente nos ensinasse por acreditarmos que só a partir disso teríamos condições de aprender.

Dentro da especificidade do ensino a distância, as coisas acontecem de um modo diferente: espera-se e cria-se condições para que o aluno perceba que com materiais adequados e com boas orientações ele pode, e deve, construir a própria aprendizagem de forma autônoma e independente. A experiência tem demonstrado que isso não só é possível, como tem provocado reflexos extremamente positivos em alunos que depois de terem vivenciado o ensino a distância, passam a participar de situações presenciais de ensino.

A tutoria representa para os docentes do ensino presencial um enriquecimento de seu próprio papel, fato que eles só reconhecem após algum tempo de vivência na nova situação. Normalmente, ao iniciar o exercício desse novo papel, o docente se sente um pouco esvaziado: afinal, no ensino presencial, ele está acostumado a definir o caminho que os alunos deverão seguir e como e quando farão isso. Ao assumir o papel de tutor no ensino a distância, ele se põe à disposição do aluno para auxiliá-lo na construção do próprio caminho: não mais dá aulas; agora, ele orienta e reorienta a aprendizagem dos alunos, ajuda no esclarecimento de suas dúvidas, identifica dificuldades, sugere novas leituras ou atividades, organiza atividades de estudo em grupo, supervisiona a prática de oficina ou de laboratório e assim por diante. Assumir essa nova perspectiva não é algo fácil, tanto para quem a vive, quanto para quem sofre as consequências de mudança. É algo, no entanto, que vale a pena experimentar...

Enfocando aquele que sofre as consequências diretas das mudanças introduzidas no processo ensino-aprendizagem, ressalta uma das dinâmicas educacionais mais complicadas e mais devastadoras: a avaliação.

5. Ensino a distância... sem avaliação presencial não dá para acreditar que seja sério!

A avaliação, não importa a missão que se lhe proponha cumprir, parecer ter o dom de despertar nas pessoas suas defesas mais escondidas. É, na educação, um processo revestido de rituais complexos, que resulta por torná-lo um mito. No caso da avaliação da aprendizagem, tal mitificação ao invés de possibilitar às pessoas maior consciência de como está se desenvolvendo internamente o processo de construção do conhecimento, termina por confundí-las, tornando-as dependentes de algum veredito externo que determine se estão aprendendo ou não.

O comentário, tantas vezes repetido, de que não é séria a ação de ensino a distância que dispensa a exigência da avaliação presencial da aprendizagem, confirma a percepção dessa dinâmica como algo externo ao indivíduo. Indica, além disso, o estabelecimento de uma relação de desconfiança, entre educador e educando.

Examinando mais de perto essa questão, percebe-se que a exigência de avaliação presencial não pode ser tratada de forma dogmática. Há situações em que a presencialidade na avaliação é condição de aperfeiçoamento da aprendizagem - aquelas que envolvem algumas habilidades motora complexa, por exemplo. Nestas situações, a não previsão de avaliação ou de avaliação presenciais poderia ser tida como irresponsável; pois, se é imprescindível para a aprendizagem, torna-se um direito do aluno a ser respeitado. Na maioria das vezes em que, para fins de avaliação da aprendizagem, a presencialidade é exigida, isto acontece, menos por ser necessário e mais porque não se conseguiu desenvolver formas de avaliar que prescindam da presencialidade. Uma situação de avaliação que, por exemplo, permita consultas a

documentos de qualquer natureza, não tem porque ser presencial - no entanto, a prática demonstra que, no ensino a distância, isto tem acontecido.

A seriedade do ensino a distância, não pode ser atestada apenas por um aspecto de seu sucesso. Para ser sério, tudo o que diz respeito à sua concretização tem que revestir-se de seriedade: a identificação de necessidades; a definição dos objetivos a alcançar; a seleção e organização do conteúdo; a elaboração dos materiais instrucionais; a definição do esquema operacional; a organização das condições de aprendizagem e... obviamente, o esquema de avaliação da aprendizagem.

A enumeração de diferentes atividades que compõem o processo de desenvolvimento de projetos ou programas de ensino a distância, nos instigam a continuar discutindo. É oportuno colocar um "paradeiro"... quem sabe o "monstro" já esteja menos feio... Não é possível, no entanto, resistir à tentação de indicar outras questões que sugerem excelentes discussões sobre o ensino a distância.

- Ensino a distância... muito trabalho... muito tempo de dedicação... muito demorado?
- Evasão...? Só no ensino a distância?
- "Aprender a fazer fazendo"... quem disse que não é possível no ensino a distância?
- Respostas anacrônicas... que problema é esse?
- Ensino a distância e conteúdo de ensino... uma relação tranquila?